

PSICANÁLISE, GÊNERO E SUICÍDIO: A CLÍNICA DO TRAUMÁTICO EM UM GRUPO DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL II

PSYCHOANALYSIS, GENDER AND SUICIDE: THE TRAUMATIC CLINIC IN A GROUP AT THE PSYCHOSOCIAL CARE CENTER II

Marília Pimentel Pincelli¹
Sofia Magalhães Dorn de Carvalho²
Brenda Martins Pereira³
Jeferson Rodrigues⁴

RESUMO: Este artigo relata uma experiência prática desenvolvida em estágio supervisionado de Psicologia em um Centro de Atenção Psicossocial II no sul do Brasil, com foco na mediação de um grupo de mulheres denominado *Resistência pela Palavra*. O grupo constitui-se como um espaço de acolhimento e escuta, promovendo reflexões sobre violências de gênero, sofrimento psíquico e a vivência de ser mulher no contexto brasileiro. A partir de uma perspectiva psicanalítica, o artigo explora como o trauma, os comportamentos suicidas e a compulsão à repetição manifestam-se no grupo e como a escuta clínica pode possibilitar a ressignificação do sofrimento. Por meio da articulação entre teoria e prática, destaca-se a importância do CAPS como representante de uma política pública de cuidado que promove autonomia e transformação social.

4450

Palavras-chave: Psicanálise. Violência de Gênero. Suicídio. CAPS. Saúde Mental.

ABSTRACT: This article reports on a practical experience developed during a supervised internship in Psychology at a Psychosocial Care Center II (Centro de Atenção Psicossocial in portuguese, CAPS) in southern Brazil, focusing on mediation of a group of women called "Resistance through Word". The group is a space for welcoming and listening, promoting reflections on gender violence, psychological suffering and the experience of being a woman in the Brazilian context. From a psychoanalytic perspective, the article explores how trauma, suicidal behaviors and the compulsion to repetition manifest themselves in the group and how clinical listening can enable the resignification of suffering. Through the articulation between theory and practice, the importance of CAPS as a representative of a public care policy that promotes autonomy and social transformation is highlighted.

Keywords: Psychoanalysis. Gender Violence. Suicide. CAPS. Mental Health.

¹Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

²Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

³Bacharel em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴Professor do departamento de Psicologia, Doutor em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

A formação acadêmica em Psicologia encontra na prática profissional uma de suas mais importantes bases estruturantes, especialmente no contexto dos serviços públicos de saúde mental. Este artigo relata uma experiência desenvolvida no estágio supervisionado em Psicologia no Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) de uma cidade no sul do Brasil. O CAPS, como serviço especializado no atendimento ao sofrimento psíquico grave, lida frequentemente com manifestações do suicídio em seus diversos níveis, como pensamentos de morte, ideação, planejamento ou tentativas. A presença recorrente desses fenômenos desafia o manejo clínico e demanda um olhar atento, principalmente no que se refere às interseccionalidades e fatores sociais envolvidos nesse fenômeno.

Os CAPSs ocupam um lugar central na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), sendo serviços estratégicos para o cuidado em saúde mental no Brasil. Configuram-se como espaços de acolhimento e cuidado em liberdade, rompendo com o modelo asilar hospitalocêntrico e buscando a promoção da autonomia dos usuários. Entretanto, desde 2016, têm-se observado retrocessos significativos no campo da saúde mental, como a retração da implementação de novos serviços psicossociais, a sua precarização e o incentivo às internações psiquiátricas. Esses fatores impõem-se como desafios ao trabalho nos CAPS, como o subfinanciamento e equipes reduzidas (Cruz et al., 2020). Apesar desse contexto adverso, o CAPS em questão mantém-se comprometido com os princípios do cuidado em liberdade e da articulação com a rede de serviços. Na experiência de estágio aqui referida, evidencia-se a relevância desses dispositivos na construção de um espaço ético de escuta e acolhimento para se abordar a complexidade do sofrimento psíquico grave.

4451

Dentre as atividades realizadas, destaca-se a mediação do grupo de mulheres *Resistência pela Palavra*, um espaço terapêutico voltado à reflexão sobre a experiência de ser mulher no Brasil, bem como o atendimento clínico individual de usuárias do serviço. O grupo *Resistência pela Palavra* é um dispositivo terapêutico coletivo voltado para mulheres, que integra o projeto terapêutico singular (PTS) das participantes a partir de sua indicação pela equipe do CAPS. Seu caráter é aberto, com a possibilidade de entrada de novas participantes a cada encontro, o que confere ao grupo algumas especificidades no manejo e na construção do vínculo. Nesse contexto, o grupo promove um espaço de acolhimento e escuta, no qual as participantes podem

compartilhar suas histórias de sofrimento, por vezes marcadas por vivências de violência de gênero. A partir da escuta, busca-se promover a criação de novas narrativas, fortalecer vínculos entre as participantes e ampliar reflexões sobre as interseccionalidades que atravessam o marcador de gênero.

Temáticas como suicídio e violências de gênero emergiram de forma contundente nas discussões do grupo, revelando o peso de vivências traumáticas e do sofrimento psíquico grave na vida das usuárias. Tais questões colocam desafios significativos à prática clínica e constituem o objeto de análise deste artigo, que se propõe a articular os discursos e as manifestações relacionadas a essas temáticas a partir de uma abordagem psicanalítica, com atenção às implicações do marcador de gênero, em sua relação com os marcadores de raça, território, sexualidade e deficiência.

Nesse sentido, o referencial teórico da Psicanálise oferece ferramentas importantes para abordar essas questões. De acordo com Macedo e Falcão (2005), o inconsciente também se manifesta nos lapsos e nas entrelinhas da fala, evidenciando a constituição subjetiva a partir dos significantes. Na clínica do traumático, Gondar e Antonello (2016) destacam a necessidade de criar um espaço potencial que permita a expressão das experiências traumáticas em sua complexidade, incluindo contradições e silêncios. Essa abordagem é especialmente relevante no trabalho com as marcas do trauma associadas à violência de gênero e ao suicídio, criando condições para a elaboração psíquica em um contexto transferencial seguro.

Assim, este artigo reflete sobre as aprendizagens e os desafios dessa prática, destacando o papel do CAPS como um espaço de transformação social, ressignificação subjetiva e enfrentamento das múltiplas formas de sofrimento psíquico, em consonância com os ideais da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial. Objetiva-se, portanto, analisar as dinâmicas do grupo *Resistência pela Palavra* a partir de uma perspectiva psicanalítica, explorando como o trauma, as violências de gênero e os comportamentos suicidas se manifestam no espaço grupal e como a partilha, a escuta clínica e o testemunho possibilitam a ressignificação do sofrimento.

MÉTODO

O presente trabalho constitui-se como um relato de experiência, fundamentado nas vivências obtidas durante o estágio supervisionado obrigatório em Psicologia, com ênfase em Saúde e Processos Clínicos, em um Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) no sul do Brasil. A atividade discutida foi a mediação de um grupo de mulheres denominado *Resistência*

pela Palavra. O estudo parte de uma prática reflexiva, que envolve a observação, o registro em diário de campo e a articulação dessas experiências com referenciais teóricos em psicologia, psicanálise e estudos de gênero e se fundamenta a partir dos registros feitos em diários de campo. Conforme Minayo (1992), os relatos de experiência são uma importante ferramenta para documentar, analisar e compartilhar vivências profissionais e acadêmicas, o que é de grande relevância no contexto do cuidado em saúde mental. Adotou-se a escuta psicanalítica, que privilegia a singularidade das demandas subjetivas e busca criar um espaço seguro para a elaboração de experiências traumáticas, conforme proposto por Gondar e Antonello (2016).

A vivência do grupo experienciado ocorria semanalmente, das 15:30 às 17:00, sendo coordenado em dupla ou trio de estagiárias de psicologia. O grupo tem caráter aberto, recebendo encaminhamentos constantemente, e manteve-se em uma média de 10 usuárias da rede de saúde mental. Cada encontro é previamente planejado pelas estagiárias e frequentemente são propostas atividades. A fim de se resguardar o sigilo ético, as informações que pudessem identificar os usuários foram omitidas e os nomes presentes na discussão são fictícios. A análise das vivências buscou evidenciar os desafios e potencialidades da prática em saúde mental, articulando teoria e prática para uma compreensão crítica das dinâmicas clínicas e sociais presentes no contexto do CAPS.

4453

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este grupo *Resistência pela Palavra* teve início no segundo semestre do ano de 2023, em uma tentativa de recriação de um grupo que já existia anteriormente, mas que teve suas atividades cessadas. O grupo iniciou-se com uma ou duas pessoas, até que depois de algumas semanas as usuárias foram retornando e recriando o grupo, estabelecendo vínculos com as outras participantes, com as estagiárias e com o próprio serviço. Tal espaço passou a ser um espaço de acolhimento, no qual era possível às participantes falarem sobre o que quisessem, e se realizar um trabalho clínico e reflexivo a partir da temática do ser mulher no Brasil, a qual perpassa pela experiência singular, e ainda assim coletiva, de cada pessoa que se identificar enquanto mulher.

Nesse sentido, vale destacar o manejo de grupos como um desafio constante, sobretudo por se tratar de um grupo dentro de uma política pública brasileira e de um Centro de Atenção Psicossocial, o que acarreta em especificidades para o manejo e coordenação do grupo. Dado o caráter aberto do grupo, que recebe encaminhamentos constantes das equipes do CAPS, houve

uma série de transformações no processo grupal, percebidas em fases distintas. Pôde-se perceber, sobretudo no início de 2024, que a nova composição grupal demandou outro tipo de manejo, devido ao aumento de encaminhamentos de casos marcados por atravessamentos de narrativas de violência de gênero, que exigiu do grupo voltar-se quase que exclusivamente à um trabalho acerca dos relatos de violência.

Salienta-se que um dos objetivos do grupo é a própria construção de uma rede e da sociabilidade, o que pode ser observado quando as participantes estabeleciam vínculos entre si, circulavam juntas em idas e vindas ao serviço, entrelaçavam-se para dar apoio em momentos de crise e encontravam-se fora do CAPS. Nesse sentido, de acordo com Pereira e Sawaia (2020), os grupos não são entendidos apenas como um conjunto de pessoas, o que se observa nestes outros elementos testemunhados, e que fizeram reconhecer uma mudança de uma posição mais individual para outra mais coletiva, sustentada pelo vínculo, transferência, construção de rede, escuta e acolhimento, mas, fundamentalmente, pela solidariedade e respeito entre as mulheres.

Em relação ao manejo do grupo, algumas questões importantes foram impostas: só seria possível trabalhar a partir de um comum que é coletivo? Como a partir do estabelecimento de um grupo, este permanece aberto para novas participantes? De que maneira não há uma fixação de papéis e de identidades? Como um grupo já estabelecido se transforma a cada novo momento? Tratando-se de um grupo voltado para pessoas que se identificam como mulheres, de que modo é possível lidar com uma cristalização da identidade do ser mulher? 4454

As reflexões sobre o coletivo e o singular a partir da experiência como estagiárias-mediadoras, emergiram da reflexão os desafios em manter o grupo em sua funcionalidade de trabalho, no que concernia aos distanciamentos e aproximações entre o coletivo e o singular. De maneira mais acentuada, é perceptível a importância desse debate manter-se no horizonte ao longo de todo o processo grupal, na medida em que esse grupo é voltado para pessoas que se identificam enquanto mulheres, ou seja, há aqui a criação de um comum, o qual pode ser trabalhado na tentativa de se homogeneizar e ter uma identidade como centro, como também, pode o grupo se manter como heterogêneo, mesmo partilhando um comum e tendo vínculo entre as pessoas participantes (Kastrup & Passos, 2013).

As violências de gênero, incluindo violência doméstica, abusos e outras formas de opressão, atravessam a experiência das mulheres de forma singular e, ao mesmo tempo, coletiva. Cada narrativa trouxe uma história única, marcada por contextos específicos e singulares de cada caso. No entanto, essas vivências estão entrelaçadas por estruturas sociais e culturais que

perpetuam desigualdades de gênero, criando uma espécie de denominador comum que permite ao grupo reconhecer-se em um espaço de acolhimento. Assim, trabalhar com a singularidade no grupo *Resistência pela Palavra* não significa dissociá-la do comum, mas sim abordar os atravessamentos entre o que é único e o que é compartilhado. Para além da escuta atenta das coordenadoras do grupo, é também pela escuta e troca entre mulheres que compartilham vivências semelhantes que as narrativas vão sendo aos poucos trabalhadas, elaboradas e ressignificadas. Destaca-se, nesse sentido, que o grupo desconstrói o sentimento de isolamento imposto pela vivência do trauma

Isso foi notável, por exemplo, no caso de Elisa, que conseguiu contar ao grupo sobre um caso de assédio e perseguição que sofreu em seu ambiente de trabalho após o relato de outra participante, Amanda, que contou sua história de décadas em um relacionamento violento e abusivo e sobre seu medo de caminhar pela cidade e se deparar com o agressor. Elisa, após o relato de Amanda, compartilhou seu sentimento de vergonha sobre sua própria história, e fala sobre como sempre escolhe esconder a situação que vivenciou, tentando lidar com suas questões de forma solitária. Com a partilha de relatos semelhantes ao seu, pôde ir desconstruindo esse isolamento através do trabalho de suas questões com o grupo. Elisa fala para Amanda que ouvir sua história e o modo como está lidando agora com ela, tendo rompido essa relação violenta, traz para ela um sentimento de força para que ela também consiga enfrentar seus próprios desafios, se sentindo menos sozinha. Amanda, por outro lado, fala que se fortaleceu muito devido ao grupo, por proporcionar esse espaço de fala, que foi essencial para que conseguisse romper sua relação com o ex-esposo.

4455

A questão do isolamento reverbera muito no grupo. Nesse sentido, há também a fala de Olívia, que afirma que é muito sozinha, que durante a maior parte de sua vida não teve rede de apoio, e que só devido ao combinado de sigilo do grupo e por perceber que outras mulheres ali têm vivências semelhantes às suas é que consegue falar no grupo conteúdos que não falaria para mais ninguém. Salienta-se que em todo encontro do grupo são feitos alguns combinados, que se constitui no contrato terapêutico do grupo, para comunicar algumas regras às novas participantes e reforçá-las para as mais assíduas. Entre os combinados, como respeito, tentar fazer a palavra circular, ou evitar conversas paralelas que atrapalhem o grupo, talvez o mais importante seja o combinado de sigilo, para que ninguém comente fora daquele espaço, ou com outras pessoas, o que foi dito do grupo. A fim de reforçar este combinado, em dois encontros as mediadoras do grupo propuseram como atividade a reflexão sobre a importância do sigilo. O

debate nesses dias deixou firmado que o sigilo é de suma importância para que o grupo seja um espaço seguro, para que as participantes se sintam à vontade e menos receosas em compartilhar suas histórias. O sigilo, assim, facilita um vínculo de confiança para o grupo, e ajuda a romper com o isolamento. Observa-se que esse sigilo não foi violado em nenhum momento da experiência do estágio.

Uma outra temática que se fez muito presente no grupo foi o suicídio. O trauma, como palavra, locução ou nomeação foi frequente nas narrativas das participantes, estando intrinsecamente ligado a vivências que desafiam os limites do que pode ser simbolizado. No caso das participantes do grupo, as experiências de sofrimento são atravessadas por múltiplas camadas de opressão, como as interseccionalidades de gênero, raça, classe e sexualidade, que configuram uma realidade complexa e desafiadora advindas de violências estruturais.

Nesse contexto, cabe pensar o comportamento suicida, em suas diferentes expressões, seja como pensamento de morte, ideação, planejamento, ou tentativas, a partir de uma abordagem crítica, que leve em consideração como o fenômeno do suicídio acarreta intimamente questões sociais (Lima & Navasconi, 2022). Os traumas evocados nas narrativas das participantes tratam-se, majoritariamente, de situações advindas de abusos sexuais, relações abusivas e violência doméstica, e desafiam os limites do que pode ser simbolizado, deixando marcas psíquicas que se expressam por meio de atos, como as tentativas e o suicídio, especialmente quando a dor não encontra outra via de elaboração (Lima & Werlang, 2021).

No campo psicanalítico, Freud aborda a questão do suicídio em obras como *Luto e Melancolia* (2010b) e *Além do Princípio do Prazer* (2010a). Em *Luto e Melancolia*, o suicídio é entendido como uma autoagressão dirigida a um objeto libidinal introjetado, configurando uma dinâmica em que o desejo de destruição originalmente voltado para outro se redireciona ao próprio sujeito. Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (2010a) introduz a pulsão de morte, que representa uma busca inconsciente por retorno ao estado inorgânico, uma tentativa de fuga que pode se manifestar no suicídio. Essa pulsão, em sua relação com a compulsão à repetição, expõe o caráter paradoxal do ato suicida: enquanto busca alívio para um sofrimento insuportável, anula as possibilidades de reelaboração simbólica.

Nesse cenário, o manejo terapêutico no grupo de mulheres adquire importância central. A construção de um vínculo transferencial sólido e a escuta psicanalítica propiciam um espaço onde sentimentos e pensamentos angustiantes podem vir a ser simbolizados. No grupo, essa abordagem visa oferecer alternativas à passagem ao ato, transformando angústias inomináveis

em narrativas compartilhadas, ressignificando o sofrimento. Segundo Cremasco (2009), por vezes, o suicídio pode parecer a única saída para aliviar uma angústia insuportável. Em uma perspectiva lacaniana, é importante compreender-se o suicídio como uma passagem ao ato, como uma saída de cena onde o sujeito abandona certa cena fantasmática para buscar uma resolução definitiva no ato, uma identificação massiva ao objeto a (Cremasco, 2009). A passagem ao ato não deixaria mais espaços para possíveis interpretações ou para o jogo significante, sendo assim uma ação irrevogável.

A violência contra a mulher muitas vezes caracteriza-se pelo silenciamento e pela submissão, frequentemente enraizados em valores socioculturais (Lima & Werlang, 2021). Essa dinâmica é agravada por vivências traumáticas, marcadas pelo desamparo, que influenciam escolhas conjugais e a manutenção de relacionamentos violentos. A dificuldade em simbolizar e elaborar essas experiências podem gerar uma espécie de excesso psíquico que, segundo Lima & Werlang (2021), se expressa por meio da compulsão à repetição, um mecanismo inconsciente que diz respeito a uma tendência de reviver experiências traumáticas não elaboradas.

No estudo de Lima e Werlang (2021), mulheres expostas à violência, principalmente na infância, seja como vítimas ou testemunhas, por vezes internalizam esses padrões como "familiares", naturalizando-os e levando-os à repetição em seus relacionamentos adultos. A escolha de parceiros abusivos reflete, portanto, uma incapacidade de metabolizar o trauma vivido, perpetuando um ciclo de sofrimento difícil de ser rompido. Essa repetição é sustentada pela dificuldade de nomear ou simbolizar o trauma, o que transforma o ato, ou seja, a vivência da violência, na principal forma de expressão psíquica. A respeito da escolha de parceiros que repetem violências passadas, ou a manutenção de relacionamentos violentos, são questões presentes em diversas histórias acompanhadas pelo grupo. Renata, por exemplo, no período de cinco meses em que permaneceu no grupo, rompeu e reatou repetidas vezes com o homem autor das violências físicas e sexuais que sofreu, sendo bastante difícil para ela nomear essas violências e abordá-las no grupo.

A relação entre trauma e compulsão à repetição é fundamental para compreender as tentativas de suicídio vivenciadas por algumas mulheres do grupo. Como apontam Macedo e Werlang (2007), o suicídio pode ser entendido como um "ato-dor", uma expressão abrupta de uma dor psíquica insuportável que não encontra outra via de simbolização. Esse ato-dor marca a história de sofrimento de muitas usuárias do serviço. No primeiro encontro do grupo em 2024 as participantes apresentaram-se já mencionando o número de vezes que realizaram tentativas

de suicídio. Ao longo dos encontros foi ficando claro que a maioria das tentativas relacionavam-se ao sofrimento advindo de experiências traumáticas marcadas por violências de gênero.

A falta de recursos simbólicos para elaborar o sofrimento amplifica o risco de respostas autodestrutivas, evidenciando a necessidade de intervenções que promovam a construção de sentido. Ademais, a elaboração simbólica do trauma, aliada ao suporte emocional e profissional, mostra-se essencial para interromper o ciclo de violência e reduzir riscos de suicídio. Nesse sentido, Amanda relatou que quando chegou ao CAPS estava planejando sua quinta tentativa de suicídio, mas que seu tratamento no serviço, e sobretudo o espaço de fala do grupo *Resistência pela Palavra*, estava ajudando a se afastar dos pensamentos de morte.

Também Pâmela relatou como seu Projeto Terapêutico Singular (PTS), que incluía atendimentos individuais há alguns anos atrás, e agora também o grupo de mulheres, havia sido essencial para que pudesse começar a compreender sua própria dor, a elaborar por meio da palavra, e também que a fala alivia sua angústia e sua ideação suicida. A Psicanálise, a partir do lugar de privilégio que concebe à escuta, pode proporcionar um novo modo de se fazer clínica e de se pensar a atividade terapêutica.

Conforme salientam Macedo e Falcão (2005), a partir da escuta é possível o método analítico de interpretação daquilo que é posto na linguagem, o que é algo muitas vezes distinto do que é pretendido pelo analisando, e que possui relevância e valor sem que para isso seja necessário que o discurso descreva ou se equivale à realidade. E com a postulação do inconsciente a Psicanálise propõe a escuta para além do que é dito conscientemente. Nesse sentido, o conceito de sujeito na Psicanálise, introduzido por Lacan, é central, enfatizando-se que o sujeito é constituído por significantes e que sua subjetividade se revela de forma inconsciente, nas entrelinhas da fala, nos tropeços e também nos lapsos (Macedo & Falcão, 2005). Nesse contexto, a clínica psicanalítica não busca descrever a realidade do analisante, mas criar um espaço onde o sofrimento possa ganhar novos contornos, respeitando as singularidades que emergem na relação transferencial.

No caso do traumático, conforme apontam Gondar e Antonello (2016), a escuta exige a criação de um "espaço potencial", entendido como um lugar intermediário onde o indizível pode começar a ser articulado. Esse espaço, sustentado pelo analista, não se limita à interpretação, mas trata-se de um lugar de acolhimento e validação, onde hesitações, silêncios e contradições podem coexistir. No contexto do grupo *Resistência pela Palavra*, a escuta do traumático mostrou-se essencial para acolher relatos e suas repercuções, ao proporcionar um espaço seguro, onde as

participantes puderam testemunhar e ser testemunhadas, articulando o singular e o coletivo. Houve alguns encontros em que as usuárias trouxeram relatos explícitos e bastante pesados de violências vividas. Em uma dessas ocasiões, uma usuária que aqui chamaremos de Nina, conseguiu contar sua história e o grupo como um todo pode perceber que ela precisava falar e ser ouvida, e nesse dia ninguém mais trouxe histórias pessoais, dando espaço para Nina, testemunhando sua dor e ocasionalmente fazendo pequenos comentários sobre o que era narrado a fim de acolhê-la.

O ato de testemunhar implica não só acolher, mas também - ou principalmente - reconhecer, assentindo e respeitando a existência daquele a quem se escuta. Dessa forma, reconhecer não se refere ao reconhecimento de uma identidade, mas sim das potencialidades singulares de existência daquela pessoa (Gondar & Antonello, 2016). Escutar também impõe o desafio de responder adequadamente àquilo que está sendo dito, de forma a proporcionar ao que fala que também se escute e possa reelaborar uma nova ideia sobre si (Macedo & Falcão, 2005). Tratando-se de um grupo, essa resposta era dada tanto pelas estagiárias quanto pelas outras usuárias - entendendo aqui respostas não como encerramento de questões, mas como abertura para novas reflexões construídas coletivamente.

Dessa forma, o grupo *Resistência pela Palavra* buscou trabalhar coletivamente temas 4459 relacionados às experiências marcadas pelo gênero feminino, propondo atividades reflexivas sobre construção e papéis de gênero, sobre sentimentos de vergonha e de culpa, e sobre as violências de gênero frequentemente presentes nas narrativas das participantes. De forma geral, o grupo buscou tecer discussões que permitissem gerar reflexões sobre o que significa ser mulher, considerando tanto as experiências singulares quanto os atravessamentos sociais e culturais que configuraram a vivência coletiva, trabalhando coletivamente por meio da partilha de histórias, do fortalecimento dos vínculos e da criação de um espaço seguro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises das dinâmicas do grupo *Resistência pela Palavra* buscou-se explorar as manifestações do trauma, das violências de gênero e dos comportamentos suicidas no espaço grupal, bem como o papel da escuta clínica na ressignificação do sofrimento, demonstrando, a partir dessa experiência, o potente papel da escuta psicanalítica em contexto coletivo. Através da articulação entre o singular e o coletivo, o processo grupal possibilitou que mulheres em situação de vulnerabilidade elaborassem suas vivências ao contá-las através das narrativas do

sofrimento relacionadas à (re)construção de sentidos e significados inerentes a tais experiências. A prática psicanalítica mostrou-se especialmente potente nesse contexto, ao possibilitar um espaço para que o indizível pudesse ser dito e sustentar um campo transferencial seguro para a elaboração do traumático.

A partir disso, o grupo demonstrou ser uma prática terapêutica muito potente para promoção de acolhimento e senso de pertencimento, na medida em que possibilitou a validação e a elaboração de angústias que, muitas vezes, permaneciam silenciadas. Além disso, o grupo fomentou redes de sociabilidade e identificação entre as mulheres, com a formação de vínculos que proporcionaram, em muitos momentos, o apoio mútuo.

Essa experiência reafirma a relevância dos grupos terapêuticos no âmbito da formação profissional no campo da saúde mental, especialmente na saúde pública, e aponta para a importância de políticas de suporte que garantam condições adequadas de funcionamento e continuidade a esses dispositivos, que são fundamentais na promoção de autonomia e no cuidado dos sujeitos em sofrimento psíquico grave.

Essa experiência profissional trouxe também consigo desafios atrelados a questões complexas da existência humana, através do contato com experiências de traumas, crises e o suicídio. Certamente, produziu deslocamentos nas formas de percepção de mundo e na lida com o sofrimento humano, que reverberaram e seguirão reverberando na prática profissional futura. Ter essa experiência, em um dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial, possibilitou a percepção do papel fundamental do CAPS como um espaço de cuidado em liberdade, orientado pela ética do cuidado e pelo compromisso com a autonomia e a transformação social.

4460

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA-ROSA, Abílio da; PASTORI, Fernanda. O grupo psicoterapêutico além do imaginário: a psicanálise de Lacan, laços sociais e revoluções de discurso. *A Revista de Psicologia da UNESP*, Assis, v. 10, n. 1, p. 1-23, 2011.

COUTINHO, Alberto. Henrique. Soares. de Azeredo. Suicídio e laço social. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, p. 61-70, 2010.

CREMASCO, Maria. Virgínia. F.; BRUNHARI, Marcos. Vinícius. Da angústia ao suicídio. *Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 785-814, 2009.

CRUZ, Nelson. Falcão. Oliveira; GONÇALVES, Renata. Weber; DELGADO, Pedro. Gabriel. Godinho. Retrocesso da reforma psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde

mental brasileira de 2016 a 2019. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 1-20, 2020.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Freud (1917-1920) – Obras completas, volume 14: “O homem dos lobos” e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 120-178, 2010a.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Freud (1914-1916) – Obras completas, volume 12: “Introdução ao narcisismo”, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 127-144, 2010b.

GONDAR, Jô; ANTONELLO, Diego Frichs. O analista como testemunha. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, p. 16-23, 2016.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 25, p. 263-280, 2013.

LIMA, Gabriela Quadros de; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. *Maringá*, v. 16, n. 4, p. 511-520, 2021.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother.; FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, 2005.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Ato-dor: a manifestação do sofrimento psíquico não simbolizado. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, Vol. 23 n. 2, p. 185-194, 2007.

4461

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1992. 416 p.

PEREIRA, Eliane. Reginha; SAWAIA, Bader. Burihan; Práticas grupais: espaço de diálogo e potência. 1. ed. São Carlos: Pedro & João, 2020. 131p.